

Bem-vindo ao deserto do irreal

Welcome to the desert of the unreal

Vinícius Madureira Maia¹

1. Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE), doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP). <https://orcid.org/0000-0001-5301-0155> vi.madureira@gmail.com

Resumo: Resenha crítica do filme *Bem-vinda a Quixeramobim*, do diretor Halder Gomes, com previsão de lançamento para setembro deste ano no Brasil. O filme estreou no 24º Festival de Cinema Brasileiro de Paris, exibido em sessão única no dia 03 de abril de 2022.

Palavras-chave: Nordeste; Cinema; Dualismo; Seca; Atraso.

Abstract: Critical review of the film *Bem-vinda a Quixeramobim*, by director Halder Gomes, with a wide release scheduled for September 2022 in Brazil. The film had its premiere at the 24th Brazilian Film Festival in Paris, and it was screened in a single session on April 3rd, 2022, Sunday night.

Keywords: Brazilian Northeast; Cinema; Dualism; Drought; Backwardness.

No fim de março e começo de abril, ocorreu o 24º Festival de Cinema Brasileiro de Paris. Ao longo de uma semana, dezenas de produções nacionais, entre filmes e documentários, foram exibidas nas salas do L'Arlequin, um tradicional prédio art déco nos arredores de Saint Germain-de-Prés, dos tempos da terceira república. Assisti lá a estreia de *Bem-vinda a Quixeramobim*, do diretor Halder Gomes, cujo lançamento no Brasil está previsto para acontecer em setembro próximo. Havia legendas em francês para uma única sessão

lotada. Fez-se uma fila que se estendia enormemente pela Rue de Rennes. É provável que a cena se repita em nosso país.

Dias antes do início do Festival, a sua diretora, de opinião política bem demarcada (“temos que continuar resistindo”), ao anunciar a obra, preferiu o laconismo e a indeterminação: “Um filme cearense com um nome difícil de falar.”¹

De árduo título ou não, a fita conta a história de Aimée, uma *digital influencer* meio frívola, que se vê sem dinheiro devido à prisão repentina do pai, um milionário trambiqueiro. Bloqueados todos os bens da família, resta à blogueira paulistana uma fazenda na cidade de Quixeramobim, herança materna. Para manter as aparências perante seus seguidores, ela parte às pressas ao sertão do Ceará, sob o pretexto de tirar um ano sabático, decidida a vender a propriedade. A súbita chegada de Aimée a Quixeramobim dá início a uma sucessão de trapalhadas e mal-entendidos. Aqui vai uma breve sinopse apenas, a fim de evitar *spoilers*.

O longa, no entanto, é lamentavelmente previsível. Salvo engano, *Bem-vinda a Quixeramobim* é o quarto filme cômico de Halder Gomes ambientado no interior do Ceará, após o sucesso estrondoso de *Cine Holliúdy*, de 2013.² Pior: ambientado em certa imagem saturada do Nordeste, com a qual o restante do país está há décadas tolamente mal-acostumado.

É digna a tentativa cinematográfica (ou literária etc.) de situar tramas na região historicamente mais esquecida e vilipendiada da nação. Não menos nobre o fato de que esse esforço aqui se dá pelas mãos de equipe e direção, atores e atrizes em sua maioria nordestinos ou, pelo menos, conhecedores dos códigos locais; uma trupe ligada à terra de uma forma ou de outra, como não se via igual em um grande humorístico desde pelo menos *Ceará contra 007*,

1. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/03/28/temos-que-resistir-afirma-diretora-do-festival-do-cinema-brasileiro-de-paris.htm>. Acesso em 10 abr. 2022. Apenas a título de curiosidade, Quixeramobim é de pronúncia mais complicada que Tupanciretã, Guaraqueçaba ou Itaquaquecetuba, todas debaixo do mesmo teto tupi-austral?

2. *Cine Holliúdy* chegou a ser adaptado para série na Rede Globo, indo ao ar em 2019 e prestes a entregar a segunda temporada.

da Record na década de 1960 — descontadas as produções locais, esp. da TV Diário.

Seria mais conveniente, contudo, que essa imprescindível contracorrente artística³, a propósito da obliteração de falsos contrastes entre Norte e Sul, não se desse, paradoxalmente, no caso específico de *Bem-vinda a Quixeramobim*, às custas dos mesmíssimos estereótipos pelos quais, assim reduzidos, os nordestinos continuam “estrangeiros dentro do Brasil”. Como se fossem, “grosso modo, os retardados mentais do país”, nos termos de um amigo cineasta a respeito de circunstâncias diversas.

Chega a ser constrangedor, por exemplo, o deslumbramento das demais personagens ante a aparição da protagonista, a sua postura sempre maravilhada em torno desta, tudo intercalado com a supostamente típica sem-cerimônia dos cearenses. Que, no filme, não passam de semissilvícolas meio ingênuos, meio desbocados. Aimée faz uma espécie de viagem comradeana ao Coração da Seca. Entranha-se em meio a doces bárbaros, marcados por incultura e regionalismo. Chama-se a isso “brasilidade”, “cearensidade”, por aí.

Bem-vinda a Quixeramobim apresenta os mesmos déficits de ritmo e de montagem já denunciados nas chanchadas anteriores de Halder Gomes⁴. Tal como as últimas obras do diretor, o filme está excessivamente centrado no tal “dialeto” cearense — fórmula que, pelo visto, tem atraído em massa o público pagante. As cenas dão impressão de existir tão somente em função de interjeições e expressões idiomáticas, pinçadas a todo instante como recurso cômico que, no dia a dia do qual foram artificialmente retiradas, funciona mesmo por conta de sua extrema naturalidade. O humor consiste nessa (meta)piada única. Desalojada. Forçada. Repetida à exaustão.

Tão ou mais graves são as muitas inconsistências do enredo. É lastimável, por exemplo, a narrativa do tipo *white savior*, agora sob a clave geográfica. O destino de toda uma cidade depende das mercês de uma *influencer*. Como se

3. Levada adiante por Kleber Mendonça Filho, Karim Aïnouz, Alan Deberton, Armando Praça, Ruy Vasconcelos de Carvalho, Déo Cardoso, entre outros tantos realizadores.

4. Entra tantas, cito aqui apenas uma crítica mais gabaritada, de Vitor Velloso: <https://vertentesdocinema.com/cine-holliudy/>. Acesso em 08 abr. 2022.

esse “povoado” não fosse abarcado por agência reguladora de serviços públicos; não possuísse delegacia, promotoria, uma câmara de poder político, alguma autoridade eclesiástica, associações, um posto qualquer de polícia, imprensa ainda que miúda. Como se não viesse de um interior ainda menor o ator coadjuvante do filme, que possui, bem ou mal, milhões de seguidores em suas redes sociais, com mais engajamento que a própria protagonista⁵. Aliás, a salvação de Quixeramobim pela paulistana Aimée faz ainda menos sentido, quando, a despeito das mirabolâncias das personagens e seus planos frustrados de derrocada da cervejaria (a causa terrível e imediata da seca sofrida pela cidade), o clímax do filme vai literalmente por água abaixo com uma... chuva torrencial?! Se isso não for uma tibieza do argumento, descobrimos que Aimée funcionaria, então, como uma espécie de mediadora evanescente entre uma comunidade sequiosa e os caprichos da Natureza inexorável.

Por outro lado, não seria justamente a antiga falta de indústrias um dos motivos do “martírio secular da terra”? Uma escassez diante de cujas agruras um monarca sensibilizado prometeu empenhar até as joias da coroa (não o foram...); em meio às quais todo um povo assistiu morte e vida severina de Sudenes e Dnocs? Não é um fenômeno estranhamente corrente na imprensa e no imaginário coletivo do país que todo projeto de industrialização ou investimento feito ao largo do Sudeste seja tido como ainda mais prejudicial à população, mais nefasto ao meio ambiente etc.? A quem interessa esse desequilíbrio? Dá-se pistas disso desde o clássico *O norte agrário e o Império*.⁶

De resto, desconheço em que ponto o longa se inspiraria na bem-sucedida comédia *Bienvenue chez les Ch'tis* (2008), ou ainda no não menos exitoso

5. O hype em torno de *Bem-vinda a Quixeramobim* se deve em boa medida à presença de Max Petterson. Menos por ser estudante de artes cênicas na *Université Paris 8* que por seu status de subcelebridade viral, Max é uma amostra da crescente ocupação das mídias tradicionais por destacados influenciadores digitais. Esse desdobramento fulanizado do movimento geral de convergência midiática ganhou no Brasil o nome de “keferização”, não à toa por força do sucesso e ulterior ubiquidade da jovem *youtuber* Kéfera Buchmann.

6. Cf. MELLO, 1984.

remake *Bienvenuti al Sud* (2010)⁷, que giram em torno das peripécias de um funcionário responsável por uma agência de serviço postal, transferido a contragosto para uma região tradicionalmente discriminada, seja no norte da França ou no sul da Itália. O título *Bem-vinda a Quixeramobim* talvez seja mera coincidência. E certamente um equívoco. Um pastiche oblíquo.

No desenrolar de ambos os filmes acima, o espectador é instado a ganhar, junto com o protagonista, uma consciência crescente acerca de seus próprios preconceitos, à medida que se lhe descortinam, dia após dia, a “verdade” farsesca das respectivas regiões. Não admira que Aimée, diferentemente, torne a São Paulo imbuída das mesmas concepções, pois confirmadas *in locu*, em meio a paisagens duras a arder nas vistas. Nada despojadas de suas antigas marcas a ferro quente. Nada em profundo desacordo com as velhas expectativas. Aimée se torna, ao final, apenas um pouco mais amena, um tanto mais condescendente, algo enturmada com aquelas divertidas figuras saídas, porém, das distorções de um El Greco, um Portinari ou um Géricault.

Ainda em contraste com *Bienvenue chez les Ch'tis* e *Bienvenuti al Sud*, *Bem-vinda a Quixeramobim* não permite mínimo vislumbre da cidade em sua inteireza, a qual se resume ao estabelecimento que, pela manhã, serve de pousada e, à noite, de cabaré. Onde está, por acaso, a segunda maior cidade do sertão central do Ceará? A terra natal de Antonio Conselheiro, de Fausto Nilo? Aquela em que o teatro de vanguarda da companhia de Zé Celso encenou durante vários dias uma adaptação de *Os Sertões*? Onde foi criado recentemente um *campus* da Universidade Estadual do Ceará, com uma promissora faculdade de medicina (sobretudo para os filhos da elite da região)?⁸ Nada disso é sequer

7. Uma nota pessoal que não gostaria de reprimir: tive o privilégio de assistir a ambos os filmes quando aluno regular das respectivas Casas de Cultura Estrangeira da Universidade Federal do Ceará (UFC), um projeto de ensino e extensão sem igual no país. Entre outras cinco, ali se situa há sessenta anos a Casa de Cultura Alemã, que continua uma das mais belas edificações de Fortaleza, com sua arquitetura de elementos tipicamente europeus, mouros, nordestinos; diversificada como o Brasil e os frequentadores do Benfica.

8. Não se pode censurar o espectador incapaz de admitir ou até de imaginar a hipótese verdadeiramente incrível de que o Nordeste possua um feitiço “adensadamente urbano, industrial, com vastos

insinuado. As pouquíssimas locações passam recibo da boa e velha aldeiazinha assolada pela falta d'água.

Um escritor hoje caído em desuso — para não dizer em desgraça — costumava se queixar de que o Nordeste, não sendo esse maciço insólito de que tanto se fala e se vende no Sul com grosseira simplificação, não sugira senão a secura, sempre os “sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés”, de carcaças ressequidas, gado enfermo e anguloso, depauperados casebres de taipa, crianças famintas que mal se põem em pé, a face rude e craquelada da sertaneja desvalida; de sombras exíguas feito almas do além amedrontadas pelo sol. Que o sertão não pode ser o devir do mar. A semântica perdura, Gilberto⁹. Deploravelmente.

Quem, enfim, é bem-vindo a Quixeramobim? Nem mesmo de Aimée se pode dizer “bem-vinda”; quando muito, ela o é pela turma da Xininlândia (o fatídico cabaré). E só. Para compensar a carência de tomadas, cenas em cartões-postais de Fortaleza, Aquiraz, Quixadá etc. comparecem nos pós-créditos. Particularmente, daria tudo para saber com que impressão o espectador francês saiu do filme. Satisfeito em sua nostalgia de primitivismo, talvez?¹⁰ Ou o que o cidadão natural de Quixeramobim vai sentir e dizer a respeito. Duvido muito que se enxergue ali. A ver, porém. Pois o que se pretende aí é dar uma velha cédula de identidade envolta em plástico novo. Há quem estenda o polegar.

Para além dos jargões, o filme ainda é pródigo no desperdício de potencialidades. Muito embora Edmilson Filho seja um ator versátil e premiado, nesses pastelões ele tem reprisado um único papel, apelando, não raro, a piruetas e

bairros de classe-média” e, claro, todas as mazelas comuns a qualquer metrópole mundo afora. “Uma imagem diante da qual o resto do país ainda hesita um pouco em provar com o olho, tantos foram os clichês que recobriram a região [...] ao longo de décadas.” (CARVALHO, 2016). Para não falar da miopia para sutilezas, vestígios da tradição agrária que ainda permeiem o espaço e a fala urbana etc.

9. Vide FREYRE, 2015, p. 39. E pensar que “esse migrante, em sua humanidade, não é assim tão diferente do próprio ancestral de alguém da classe-média paulistana, e que chegou por lá roído de fome, uma mão na frente, outra atrás, da Europa, num passado só um pouco mais remoto.” (CARVALHO, 2012).

10. Cf. DURKHEIM, 1989, p. 29.

golpes de artes marciais. O repertório é bastante limitado: não há muita distinção entre Francisgleydisson, Aluisio Lee, Bruceullis ou, agora, Darlan. O igualmente talentoso Haroldo Guimarães sofre da mesma sina, reduzindo-se cada vez mais a caretas e pantomimas. Um minimalismo de excessos. O elenco de apoio é todo assim. Pena que um sempre espontâneo Falcão seja tão mal aproveitado, a despeito de não ser ator de carreira.

Já a dupla de veteranas Valeria Vitoriano e Chandelly Braz proporcionam um espetáculo à parte. A relação entre as duas na gestão do cabaré é aquilo que o filme tem de melhor: um lampejo de fluidez e autenticidade. Em torno delas a trama ganha inclusive certa “profundidade”, se se pode chamar assim. Ambas se sobressaem em muito diante de Monique Alfradique e Max Petterson, o qual, em seu primeiro filme, não faz mais que pôr em cena a *persona* que se comunica diariamente com seus seguidores na *web*.

Não sei que poderes, que artes de sedução foram capazes de convencer Silvero Pereira, um dos artistas mais expressivos da atual geração, a se rebaixar medonhamente em uma das cenas mais bobas e insólitas do filme. Talvez os mesmos utilizados para cooptar antes dele Matheus Nachtergaele, a fim de interpretar o tal Olegário Maciel (que não convence como prefeito metido a coronel) na aludida série de tevê, após ter se sagrado como o icônico João Grilo, o astuto pobre-diabo de *O Auto da Compadecida*.

Que conceito se deve esperar, enfim, do tal novo município cearense de Pitombas — “um projeto cenográfico especial” —, criado pela Globo para rodar filmagens da segunda temporada de *Cine Holliúdy?* E da série *O Cangaceiro do Futuro*, da mesma turma, cotada para estreiar dentro em breve pela Netflix? Ambos compõem o assim chamado Universo Cine Holliúdy. A (estética da) miséria vai ganhando assim ares megalomaniacos. Um projeto comercialmente rentável em que se invertem todas as prédicas do Cinema Novo¹¹. Uma estética que se realiza na política da seca e lucra, por isso mesmo, com todas as fraquezas consequentes de sua representação.

A propósito, ciente da concórdia entre o intento artístico do Cinema

11. Movimento que despontou a partir do Nordeste, diga-se de passagem, e que também produziu comédia.

Novo e certas pretensões da antropofagia modernista, Ruy Vasconcelos de Carvalho (2012) recorda não ter sido por algum lapso ou desorientação que Mário de Andrade tencionou, em *Macunaíma*¹², “o herói sair de um estado como o Amazonas, atravessar a fronteira e já se achar, como que por mágica, no Rio Grande do Norte”. A metáfora incutida nos encantos desse teleporte tem lógica e coerência: “somos o mesmo país na e pela diversidade. Mas também que o que nos une, nessas diferenças, é uma vasta cultura e história comuns [...]. O que nos torna, a todos, vizinhos e contíguos, a despeito ou não de os estados serem fronteiriços entre si”. Não quero aqui meramente repisar o óbvio deslocamento menos geográfico que ideológico entre o Nordeste *and The Rest*, ou melhor, sobre o lugar especial, por assim dizer, que o primeiro ocupa na meridiana mentalidade brasileira. Nem responsabilizar ressentidamente um lado, o de lá, pela discriminação e predação contínuas — embora esse lado tenha lá a sua fração de culpa cartorária.¹³ Tampouco omitir a existência óbvia de diferenças reais, porém complexas, não fincadas em caricaturas, intercambiáveis. Muito menos substituir um arremedo por outro, tão ou mais ingênuo: embandeirar um Nordeste irreduzivelmente homogeneizado, pasteurizado como estandarte do genuíno caráter nacional. Quando menos uma região nostálgica, com o tom de sépia do passadismo. Antes, a peleja é denotar o idiossincrático compromisso dos próprios “nativos” para com a perpetuidade desse jogo de cena, no qual o restante do país há muito se compraz em assistir a representação contorcida de seus próprios anseios e imaginações.

Em contrapartida a esse espelhamento, a um nordestino esclarecido o Resto compreende uma dualidade interna inevitável¹⁴. Enquanto um sudestino poderia talvez se contentar com a porção de cultura europeia ainda indispensável à formação de si, consubstanciando a um só tempo ele próprio e um outro ocidental, o nordestino¹⁵ tem necessariamente de suspirar (ou cantar): “Eu

12. O livro de 1928 chegará às telonas pelas mãos de Joaquim Pedro de Andrade em 1969.

13. Cf. MUNIZ, 2011.

14. O mote é de Antonio Candido (2007, p. 15-16).

15. Ou qualquer ente que se veja posicionado na periferia (da periferia), *topos* não necessariamente fixo e que admite gradiência, a depender de vicissitudes históricas, econômicas e/ou culturais. Em

sou eu e o avesso de um outro.” A fórmula comporta variações, que têm sido a regra aliás: “Eu sou o avesso de mim mesmo e um outro.” O avesso de um outro avesso. E como o dois frequentemente desliza para o três, ele também poderia reconhecer: “Eu sou eu, um outro e outros mais.” Diversas combinações seriam possíveis. Mais ou menos lisonjeiras. Fiquemos apenas com essa tomada de consciência, elevada ao cubo, acerca do antagonismo reflexivo entre a norma e a sua contradição principal — e a impressentida dimensão excluída por esse mesmo antagonismo.

Para concluir, um escrito de Rubens Ewald Filho sobre *Shaolin do Sertão*, de 2016¹⁶, recheado de erros onomásticos e comentários de gosto no mínimo duvidoso¹⁷, veio a ser convenientemente descartado naquilo que tinha de sugestivo e pertinente. Isto é, as produções em que a trupe de Halder Gomes tem tomado parte são indiscutivelmente exageradas, mal realizadas, porém cheias de “uma vontade de acertar”. Todo mundo sabe que a deformação da realidade, inclusive ao ponto do grotesco, é própria das comédias. Essa é uma velha peça de todas as épocas. Tudo bem que o seja. Afinal de contas, é cinema popular, não uma tese de sociologia.

Em se tratando, contudo, da banalização (agora para um público que se quer mais amplo) de uma dualidade já esclerosada mas duradouramente arraigada entre nós, não se pode mais recorrer a desculpas esfarrapadas do tipo: “é só um filme”, feito exclusivamente “para rir”; que milhares riem e pagam por isso, alguns até pagaram (o pato) e viram mais de uma vez etc. — como

meados da década de 1980, por exemplo, uma banda sulista viria à tona com um álbum intitulado, sugestivamente, *Longe demais das capitais*. Na faixa homônima, entoava-se: “Nossa cidade é muito grande / e tão pequena / tão distante do horizonte / do país / Eu sempre quis viver no velho mundo / na velha forma de viver / O 3º sexo, a 3ª guerra, o 3º mundo / são tão difíceis de entender.”

16. Disponível em: <http://www.dvdmagazine.com.br/materias/materia/title/1573-resenha-critica-o-shaolin-do-sertao>. Acesso em 10 abr. 2022.

17. Veja-se, a respeito, comentários do Prof. Tadeu Feitosa (UFC) sobre o “modo míope e preconceituoso” da análise: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2016/11/14/noticiasjornalvidaarte,3669261/pesquisador-analisa-critica-de-rubens-ewald-filho-ao-shaolin-do-sertao.shtml>. Acesso em 20 jun. 2022.

bradou à época parte do elenco, em reação meio mesquinha àquela resenha do finado Ewald.

Os filmes arrancam, de fato, algumas boas gargalhadas. *Bem-vinda a Quixeramobim* não foge à regra. Os risos são prova, no entanto, de que a mentalidade um tanto complacente, um bocado maniqueísta de que está impregnada a concepção sobre o Nordeste segue ainda longe de ser superada. E de boas intenções, de “vontade de acertar”, está bem cheio outro lugar onde se acredita faltar água.

Por enquanto, há que se murar conurbações. Há que se exotizar sob a pecha de Brasil Profundo. Há que fazer concessões ao outro lado do campo (seria, por oposição, o Brasil Raso?). Há que se curvar a todas as manhas de um “pseudo-Brasil-moderno, pseudoeuropeizado, pseudocosmopolita, pseudodesenvolvido, pseudosofisticado”. Há que se consorciar o Nordeste e o atraso. Por enquanto.

Referências

CANDIDO, Antonio. “Sobre Roberto Schwarz”, in CEVASCO, Maria Elisa e OHATA, Milton. **Um crítico na periferia do capitalismo**: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13-17.

CARVALHO, Ruy Vasconcelos de. “Desconjunções e vírus”. **Figurando o cinematógrafo**, 29 mar. 2016. Disponível em: <https://ruvasconcelos.wixsite.com/meusite/single-post/2016/03/29/pillow-talk>.

CARVALHO, Ruy Vasconcelos de. “De três para mais (glosa)”. **Afetivagem**, 31 agost. 2012. Disponível em: <https://afetivagem.blogspot.com/2012/08/de-tres-para-mais-glosa.html>.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global Editora, 2015.

MELLO, Ewald Cabral de. **O norte agrário e o Império**: 1871-1889. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MUNIZ, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011, 5 ed.

Recebido: 23/06/2022

Aceito: 19/07/2022